

Matérias do Setor

Braskem vai participar do Comperj

Após longo período de análise, o conselho de administração da Braskem ratificou a participação no Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), prevista no acordo que, em janeiro do ano passado, selou a incorporação da Quattor pela empresa controlada pelo grupo baiano Odebrecht. A informação foi dada pelo diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, membro do conselho da Braskem. A parte petroquímica do projeto ainda não tem um valor definido porque o projeto não está detalhado. O projeto como um todo estava avaliado em US\$ 8,5 bilhões, mas o valor já é considerado defasado. Com o sim da Braskem, Costa avalia que a totalidade do projeto, dividido em três etapas, ganhou mais robustez e já prevê uma antecipação da entrada em operação da fase petroquímica, prevista para o fim de 2016 e começo de 2017. Na avaliação do executivo, a continuidade do crescimento da demanda por resinas termoplásticas (polietileno, polipropileno e PVC, principalmente), o foco principal da Braskem, está assegurada por um fato estrutural e por dois eventos temporais de grande porte. Após algumas semanas de negociações que envolveram as secretarias da Fazenda e de Desenvolvimento e Promoção do Investimento, a Braskem também anunciou que investirá R\$ 300 milhões na duplicação da produção de butadieno no Polo Petroquímico de Triunfo. O produto é a matéria-prima utilizada na indústria de pneus e de borrachas em geral, oportunizando o crescimento da cadeia de elastômeros no Estado. A confirmação foi feita pelo vice-presidente de Relações Institucionais da empresa, Marcelo Lyra, e pelo membro do Conselho de Administração, Alfredo Tellechea, durante reunião ocorrida no dia 29 de março, no Palácio Piratini. "A decisão, que ainda precisará ser ratificada pelo Conselho de Administração da empresa, foi influenciada pela visão estratégica do Governo visando o crescimento do Estado e está alinhada com o compromisso da Braskem com o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul", afirmou Lyra. O Governo do Estado garantiu a isenção de ICMS na importação de máquinas e equipamentos que não sejam produzidos no Rio Grande do Sul e que cheguem ao Brasil por portos gaúchos. Além disso, não cobrará impostos sobre máquinas e equipamentos adquiridos de empresas gaúchas e autorizou a Braskem a pagar fornecedores do Estado com parte dos créditos. A construção da nova fábrica deve estar concluída até o final de 2012.

Fonte: Valor Econômico e o Fator Brasil.

Investimentos na produção Brasileira de PVC

Atualmente há dois projetos de ampliação de capacidade de produção de PVC em curso no País. A Braskem está investindo na duplicação da capacidade instalada de produção da resina (aumento de 200 mil toneladas/ano) na planta de Alagoas, que está prevista para entrar em operação em meados de 2012. Além disso, a Solvay Indupa tem um projeto para a produção de PVC "verde" na rota do etanol, em sua unidade de Santo André (SP). A expectativa é de uma ampliação da capacidade anual em 60 mil toneladas, também prevista para entrar em operação, no próximo ano. Juntos, os investimentos da Braskem e da Solvay deverão ampliar em mais de 25% a capacidade atual de produção da resina, de 810 mil t/ano.

Fonte: Agência Estado.

Isopor é excelente isolante térmico

A escolha pelo isopor na construção civil tem muitas vantagens. O material é resistente a tufões e abalos sísmicos, não atrai formigas nem cupins, é à prova de mofo, e também um eficiente isolante térmico, o que para quem mora na Capital será um dos maiores atrativos e benefícios. Os sistemas monolíticos são considerados uma solução para a construção civil moderna, pois não agredem o meio ambiente, reduzem os custos, racionalizam energia, além de proporcionar um excelente conforto térmico e acústico dos usuários. A edificação fica muito mais leve (98% do seu volume é constituído de ar), tem alta resistência à compressão, à vibração mecânica e baixa absorção de umidade. Mas o grande atrativo está na queda dos custos para edificação de uma laje, seja ela de cobertura ou piso. O sistema monolítico em EPS representa um dos maiores avanços tecnológicos para a construção civil no que diz respeito as questões ambientais, técnicas, qualitativa e principalmente econômica. A redução dos gastos é de 10% a 15% e o tempo da obra é reduzido em 40% em comparação a construção de alvenaria tradicional. Sem contar que a manutenção ao longo dos anos também tem um custo baixo. Àqueles que querem desenvolver projetos arquitetônicos, mas que sejam sustentáveis, o poliestireno expandido, também pode ser utilizado como base. Segundo Angélica o material pode ser usado em construções de até quatro andares, feitos com uma fundação diferenciada. No Brasil, hoje existem projetos executados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e no Tocantins.

Fonte: Primeira Página (TO).

Boas expectativas para o PVC

Para 2011, a expectativa é de que a demanda por PVC continue forte. O setor de construção civil deverá continuar com bom desempenho, amparado pelas boas perspectivas para PIB, massa de renda, liberação de financiamentos imobiliários e obras de infraestrutura, que vem ganhando impulso com a realização da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016. A projeção da Tendências Consultoria para a construção civil é de crescimento de 5,3% em 2011, em relação ao ano passado, quando houve expansão de 11,9%. Construção civil, principal setor demandante de PVC, deve impulsionar demanda pela resina neste ano.

Fonte: Agência Estado.

Saco para lixo produzido com matéria-prima 100% renovável

A Embalixo assinou contrato com a Braskem para fabricação com exclusividade no território brasileiro do saco para lixo feito de matéria-prima 100% renovável. O saco para lixo, produzido a partir do plástico verde Braskem, está sendo lançado para a lixeirinha da cozinha, pia e do banheiro, além dos padrões do mercado nacional 15 Litros, 30 Litros, 50 Litros, 100 Litros e no tamanho especial 110 Litros, especialmente pensando em condomínios e jardins, onde se faz necessário sacos bem resistentes.

Fonte: Folha de S. Paulo (Mercado Aberto), o Brasil Econômico e o portal Fator Brasil.

Empresas usam resíduos agrícolas para produzir PET

A Pepsico anunciou recentemente ter conseguido produzir uma garrafa, apenas com resíduos agrícolas, como cascas de pinheiro, laranja e batata. Em 2012, a empresa colocará a embalagem experimentalmente no mercado, num projeto-piloto. Depois, a ideia é expandir o seu uso. Desde o ano passado, a Coca-Cola produz a "plant bottle" - embalagem feita com até 30% de cana-de-açúcar. A substituição do PET por produto de fonte renovável é boa, porque a demanda por PET só cresce no País. De 1994 até 2010, o aumento chegou a 525% - no último ano foram produzidas 500 mil toneladas. Mas as iniciativas ainda são controversas. Até mesmo o presidente da Abipet, Auri Marçon, tem dúvidas. Ele louva a iniciativa das empresas em pesquisar matérias-primas mais sustentáveis, mas faz ressalvas. Diz não conhecer "o pulo do gato" que permitiu à Pepsico fazer uma garrafa apenas com resíduos agrícolas. "Tentei inúmeros caminhos e não consegui descobrir a rota. Os cientistas do setor de PET desconhecem a rota química ou a patente adotada e dizem que isso é um desafio extraordinariamente difícil", afirmou Marçon. Para ele, é preciso ter cuidado ao falar de um produto, "que ainda não está na mão". "Respeito, porque é empresa de renome, mas gostaria de entender melhor como fizeram." Marçon mostra uma incongruência no caso da Coca-Cola. Ele explica que o resíduo da cana é mandado do Brasil para a Índia, onde está parte da matéria-prima, para produzir a resina. A resina PET é fabricada no país asiático e depois volta para o Brasil, para embalar o refrigerante. "Se for levar em consideração essa equação logística, provavelmente não há um equilíbrio ambiental, não é viável em termos de meio ambiente. Porque vai transportar o líquido lá para a Ásia, olha a emissão que se tem de

combustível de navio", avalia o presidente da Abipet. Segundo a assessoria de imprensa da Coca, a meta da empresa "é que, até 2014, todos os seus produtos comercializados em embalagens PET sejam em plant bottle".

Fonte: O Estado de S. Paulo.

Cientistas brasileiros desenvolvem plástico a partir de bananas e abacaxis

Em uma tentativa de desenvolver um jeito mais ecológico de reforçar plásticos automotivos, um time de cientistas brasileiros usou fibras de bananas e abacaxis. E deu certo! Em uma apresentação no encontro nacional da American Chemical Society, o condutor do estudo, Alcides Leão, disse que as fibras de celulose são quase tão duras quanto o Kevlar. As propriedades desses plásticos são incríveis, eles são leves, mas muito fortes: 30% mais leves e três ou quatro vezes mais fortes. Acreditamos que muitas partes de carros como o painel de instrumentos poderão ser feitos de nanofibras de frutas no futuro. Elas vão ajudar a reduzir o peso dos carros e aumentar a economia de combustível - disse o pesquisador ao Discovery News. Para criar as fibras os cientistas puseram folhas e caules de abacaxis e outras plantas em um aparelho similar a uma panela de pressão. Compostos químicos foram adicionados e aquecidos em diversos ciclos, produzindo um pó fino que foi adicionado ao plástico comum, dando origem ao novo plástico. Os cientistas dizem que o processo é caro, mas é preciso apenas um quilo de nanocelulose, para produzir cem quilos do novo plástico.

Fonte: O Globo.

Braskem vai investir R\$ 300 milhões no RS

A confirmação foi feita pelo vice-presidente de Relações Institucionais da [empresa](#), Marcelo Lyra, e pelo membro do Conselho de Administração, Alfredo Tellechea, durante reunião ocorrida hoje no Palácio Piratini

29 de março de 2011 - Após algumas semanas de [negociações](#) que envolveram as secretarias da Fazenda e de Desenvolvimento e Promoção do Investimento, a Braskem garantiu ao governador Tarso Genro que investirá R\$ 300 milhões na duplicação da produção de butadieno no Polo Petroquímico de Triunfo. O produto é a matéria-prima utilizada na indústria de pneus e de borrachas em geral, oportunizando o crescimento da cadeia de elastômeros no Estado.

A confirmação foi feita pelo vice-presidente de Relações Institucionais da empresa, Marcelo Lyra, e pelo membro do Conselho de Administração, Alfredo Tellechea, durante reunião ocorrida hoje no Palácio Piratini.

"A decisão, que ainda precisará ser ratificada pelo Conselho de Administração da empresa, foi influenciada pela visão estratégica do Governo visando o crescimento do Estado e está alinhada com o compromisso da Braskem com o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul", afirmou Lyra.

O Governo do Estado garantiu a isenção de ICMS na importação de máquinas e equipamentos que não sejam produzidos no Rio Grande do Sul e que cheguem ao Brasil por portos gaúchos. Além disso, não cobrará impostos sobre máquinas e equipamentos adquiridos de [empresas](#) gaúchas e autorizou a Braskem a pagar fornecedores do Estado com parte dos créditos.

"Nossa equipe agiu com muita responsabilidade. Os incentivos que estamos concedendo trarão benefícios na geração de emprego e renda, mas também para toda uma cadeia produtiva gaúcha que terá privilégios na [venda](#) de máquinas e equipamentos para a Braskem. Desta forma, nós valorizamos e beneficiamos outras regiões", ressaltou o governador Tarso Genro.

Fonte: Redação - www.ultimoinstante.com.br

Braskem quita R\$ 5 bi antes do vencimento

A área financeira da Braskem teve uma postura das mais ativas no ano passado - foi agressiva no gerenciamento de passivos e ficou o ano inteiro preparada para emitir títulos no exterior, aproveitando cada uma das pequenas janelas de oportunidade. Também ficou atenta para as melhores oportunidades de empréstimos, sindicalizados (com a participação de vários bancos) ou bilaterais. Com essa postura e a ajuda de aporte feito pelos acionistas - Petrobras, Organizações Odebrecht e minoritários -, pré-pagou R\$ 5 bilhões em dívidas. Acabou ficando entre os destaques corporativos no "Ranking Valor de Captações Externas".

Fonte: Valor Econômico

Política industrial: diagnóstico e propostas

Este artigo visa a contribuir ao debate sobre a política industrial e se baseia num trabalho feito pela Associação Brasileira da Indústria de Plástico (Abiplast) entregue neste mês às principais autoridades do governo ligadas ao problema.

A globalização acirrou a concorrência entre empresas na produção, comercialização e distribuição de bens e serviços, o que trouxe avanços significativos na produtividade, na redução de custos e preços e na inovação. Assim, as empresas têm que concorrer no plano global. Para isso, deve contar com posição estratégica favorável no conjunto de seus fatores de produção.

Infelizmente, vários fatores atuam dificultando nossas empresas. Tem-se alta carga tributária e juros, custos elevados de infraestrutura e logística e câmbio desfavorável. Como consequência, elas vêm perdendo posição competitiva interna e externa, e no caso da indústria essa situação é particularmente preocupante.

O que distingue o Brasil na concorrência internacional são as commodities e os alimentos, onde nossa posição estratégica é excelente. Infelizmente pouco se tem aproveitado dessa posição para ampliar nossa competitividade.

Exemplo emblemático disso foi dado pela Vale ao aumentar substancialmente os preços internos do minério de ferro, elevando custos às empresas e consumidores e gerando inflação em momento delicado que o País atravessava para romper com as amarras criadas pela crise internacional. Mas o problema não se circunscreve só à Vale, e esse é o tema que será abordado em sequência.

O objetivo da proposta da Abiplast é aumentar a competitividade dos segmentos de cadeias produtivas, aproveitando a posição estratégica desfrutada pelo País em commodities. Para isso, deve ocorrer a transferência de uma parte dos ganhos dos produtores de commodities e de empresas com grande poder de mercado que atuam em etapa dessas mesmas cadeias, para as que estão a jusante de ambas, que são os fabricantes de produtos de maior valor agregado, conteúdo tecnológico e geradores de emprego.

Isso permite importante contribuição para que as empresas a jusante se desenvolvam e contribuam para a retomada do processo de industrialização fortalecendo a oferta interna e disputando em melhores condições a dura competição externa.

Os produtores de commodities vêm usando seu poder de mercado na definição de preços, que sobem mais por essa razão que pelo efeito China. Isso ocorre devido à forte concentração de capital na área de commodities ocorrida, sobretudo, na década passada, através de fusões e aquisições entre as empresas que estavam no topo das cadeias produtivas. Muitas empresas brasileiras participaram desse movimento e incluíram-se no rol das protagonistas dos aumentos de preços.

Em certas cadeias, a competitividade está presente, também, em etapas seguintes à atividade extrativa ou primária. É o caso da siderurgia, que vem na sequência da extração de minério de ferro; da indústria automobilística que vem após a indústria siderúrgica e; da petroquímica que é parte da cadeia do petróleo.

Existem modelos de alianças estratégicas aplicados nas cadeias produtivas. Um deles foi o "toyotismo", base da revolução industrial do Japão ocorrida na segunda metade do século passado, que buscava a otimização da competitividade de toda a cadeia produtiva da indústria automobilística. Esse modelo nasceu na Toyota e se propagou por todo o tecido industrial japonês e, mais adiante, por alguns países como a Coreia do Sul, com excelentes resultados.

Outro modelo é o chinês onde o estado ocupa setores econômicos considerados estratégicos para subsidiar outros segmentos das cadeias produtivas. A busca de posições estratégicas no caso do governo chinês se faz, também, em outros países através de compras de participações acionárias e/ou concessão de financiamentos com garantias futuras de suprimento em condições favoráveis. Exemplo recente foi o empréstimo de US\$ 10 bilhões à Petrobrás.

No Brasil ainda prevalece a mentalidade de focar no sucesso da empresa que ocupa o topo da cadeia produtiva, sem uma política que vise a maximizar o resultado do conjunto da cadeia competitiva, interna na redução de custos e preços, e externa na disputa com outras empresas. Parte do sucesso dessas empresas do topo se deve à prática de igualarem os preços de seus produtos no mercado interno com os do mercado internacional, acrescidos dos custos de internalização (frete, seguro, tarifas aduaneiras e a chamada "taxa de conforto"). Dessa forma estão beneficiando os fabricantes estrangeiros que concorrem com os nacionais localizados nas etapas seguintes das cadeias produtivas.

A diferenciação de preços no mercado interno daria para ajudar a atenuar o chamado custo Brasil. No País, as empresas do topo aumentaram seus preços bem acima da valorização do

real. O minério de ferro, por exemplo, valorizou-se em mais de 100%, nos dois últimos anos, enquanto a valorização do real foi de cerca de 40%. Segundo relatório do Citibank, de 09/02/11, "Global Commodities Daily", o preço do aço no Brasil é 50% maior que o da Ásia, sem contar o Imposto de Importação de 14%. Essas empresas tiveram, assim, ganhos substantivos.

Para dar suporte à sua proposta de política industrial, a Abiplast levantou extenso conjunto de dados que permite comparar margens de lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda), número de empresas e de pessoal ocupado para as empresas do topo e a jusante das principais cadeias produtivas cujos resultados estão condensados na tabela publicada junto com este artigo.

Como se pode ver os segmentos a jusante são os que geram mais empregos e margens Ebitda bem inferiores às empresas que se situam no topo das cadeias produtivas (destaque em preto). Na petroquímica, a margem Ebitda foi mais que o dobro do segmento de artigos de borracha e plástico, que empregou quase 30 vezes mais.

Na cadeia do aço, o segmento de máquinas e equipamentos, punido pela crise dos anos em análise, pelos preços do aço e pela valorização do real, que provocou um crescimento das importações, teve a margem Ebitda de 0,2% e empregou 6,3 vezes mais que a indústria de mineração. O segmento de autopeças com margem Ebitda 4,1 vezes menor que a mineração emprega 5,1 vezes mais.

Para permitir maior valor agregado, conteúdo tecnológico e geração de empregos é necessário um modelo que se aproxime de países como a China e Coreia do Sul, duas economias que têm o setor industrial como carro-chefe. É nesse sentido que vai a proposta da Abiplast de tributar as exportações dos produtores de commodities em níveis que mantenham sua posição competitiva externa e, com o aumento da receita fiscal, o governo poderia reduzir em igual monta a carga tributária incidente sobre os segmentos a jusante.

Com isso, é possível discutir a concessão de incentivos fiscais para o cumprimento de metas com relação ao aumento de investimentos em máquinas e equipamentos, de produtividade, em pesquisa, desenvolvimento e inovação, etc. por parte das empresas a jusante das cadeias produtivas. Para não se ter dúvida sobre a certeza dessa medida, a Austrália aplica taxa sobre as exportações das empresas de minério de ferro. A Índia elevará o Imposto de Exportação cobrado sobre minério de ferro fino e granulado para 20% a partir de abril, segundo informou o ministro de Finanças, Pranab Mukherjee.

Mas, para a Abiplast, a diferenciação de preços entre os mercados interno e externo não é o único meio para aumentar a competitividade das cadeias produtivas em análise. Sem dúvida, a calibragem da tarifa aduaneira em relação às commodities poderá desempenhar papel adicional importante, assim como a eliminação, em casos específicos, de barreiras não tarifárias que impedem qualquer tipo de competição.

Isso obrigará os formuladores de política industrial a pensar nas que minimizem a deficiente proteção comercial brasileira e as reduções de ICMS concedidas por alguns Estados aos produtos importados. Essas distorções são para ser corrigidas o mais rápido possível.

Para dinamizar a economia e reduzir a inflação é fundamental dar ênfase à questão da concorrência. Nesse sentido as entidades responsáveis em disciplinar a concorrência, entre elas, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) ainda está a desejar no combate a abusos de poder econômico, expresso em preços e em outras práticas condenáveis de monopólios ou de oligopólios concentrados.

O que se colocou acima não teve a pretensão de esgotar a discussão do que fazer, levando em conta o que acontece nas cadeias produtivas em que as empresas do topo, produtoras de commodities, têm grande presença na oferta internacional de matérias-primas.

O que importa é aprofundar a discussão em torno de uma política industrial com visão de cadeia produtiva, sem prejuízo de políticas setoriais como as constantes da Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP).

Fonte: O Estado de S.Paulo

Camex aplica taxa de 10% à importação de polipropileno

São Paulo - A Câmara de Comércio Exterior (Camex), ligada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), aprovou a aplicação de antidumping definitivo, por um prazo de até cinco anos, às importações de polipropileno (PP) dos Estados Unidos. A medida, solicitada pela Braskem, resultará em taxa de 10,61% ao produto norte-americano, o que beneficiará diretamente a petroquímica brasileira, única fornecedora local de PP.

Segundo texto publicado pela Camex, o direito antidumping pode ser aplicado às importações de "polipropileno, homopolímero e copolímero, originárias dos Estados Unidos da América, comumente classificadas nos itens 3902.10.20 e 3902.30.00 da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), respectivamente". Dados publicados recentemente pela própria Braskem apontam que a América do Norte respondeu por quase um terço das importações brasileiras de resina em 2010. O produto, por sua vez, respondeu por 26% da demanda doméstica total no período.

Em resposta à decisão da Camex, a Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) mostrou preocupação com os prováveis efeitos da medida no mercado doméstico e citou o momento no qual a aprovação acontece. "A elevação do direito antidumping, que poderá encarecer os preços de diversos produtos derivados de polipropileno, ocorreu menos de um mês depois de o Cade aprovar a aquisição da Quattor pela Braskem", destaca a entidade, em nota.

A Abiplast deverá entrar com recurso contra a decisão, que poderia alterar o patamar de preços do PP vendido no mercado interno. A preocupação dos transformadores plásticos é de que os produtores de outras regiões, ao constatarem a alta dos preços dos produtos norte-americanos (considerados de referência no mercado), decidam acompanhar o movimento com vistas a garantir melhores margens. O polipropileno é utilizado para a confecção de autopeças, embalagens, bens de consumo, móveis, etc, e por isso tem efeito direto na formação de preços de diversas cadeias da indústria brasileira.

A investigação sobre dumping nesse mercado teve início em janeiro de 2009, antes, portanto, do início das negociações acerca da aquisição da Quattor. Na oportunidade, a Braskem protocolou petição para a abertura da investigação sobre os preços praticados pelos fabricantes de resinas dos Estados Unidos e também da Índia. A análise do caso pela Camex teve início em julho de 2009.

Fonte: AE / DCI

Nova medida de proteção à resina plástica preocupa Abiplast

A Abiplast (Associação Brasileira da Indústria do Plástico) questiona recente medida do governo federal para proteger mais a resina plástica polipropileno fabricada no País. A Camex (Câmara de Comércio Exterior), órgão do governo federal, elevou há poucos dias, a pedido da Braskem, os direitos antidumping aplicados sobre as importações brasileiras de polipropileno dos Estados Unidos.

A elevação foi solicitada pela própria Braskem, em recurso administrativo contra a decisão de aplicar direitos antidumping no valor de US\$ 82,77 por tonelada. A partir do dia 18, o direito foi alterado para 10,6% sobre o preço CIF (em inglês, custo, seguro e frete) das importações. O polipropileno é matéria-prima utilizada na produção de diversos produtos, como seringas, luvas hospitalares, embalagens plásticas e peças de automóveis.

Segundo a associação da indústria do plástico, os preços de polipropileno no Brasil já são os mais altos do mundo e calcula que o percentual do adicional tarifário aplicado, a valores atuais de mercado internacional, encarecerá as importações de polipropileno em aproximadamente US\$ 200 dólares por tonelada.

"A Abiplast informa que desconhecia o recurso da Braskem perante a Camex e que está estudando alternativas em relação à medida", afirma o presidente da entidade, José Ricardo Roriz Coelho.

A elevação do direito antidumping, que poderá encarecer os preços de diversos produtos derivados de polipropileno, ocorreu menos de um mês após o Cade aprovar a aquisição da Quattor pela Braskem.

Com a aprovação, a Braskem passou a ser a única empresa produtora de polipropileno no Brasil. Por ocasião da aprovação da operação, diversos conselheiros do Cade manifestaram profunda preocupação com relação às dificuldades de importar resinas de polipropileno por empresas brasileiras e ao nível de proteção às resinas produzidas pela Braskem.

Fonte: Diário do Grande ABC



Confiança da indústria fica estável em março, diz FGV

O índice que mede a confiança da indústria da Fundação Getúlio Vargas (FGV) ficou praticamente estável entre fevereiro e março, passando de 112,5 para 112,4 pontos, com ajuste sazonal. O levantamento foi divulgado nesta quinta-feira (31). Apesar da queda de 0,1%, essa foi a terceira redução consecutiva do índice em 2011. Dessa forma, o ICI de março é o mais baixo desde novembro de 2009 (109,6 pontos). Medido em termos de média trimestral, o indicador de 112,6 pontos registrado em março é o menor desde janeiro de 2010 (112,2). O componente de situação atual aumentou em 0,8 %, para 113,0 pontos. O de expectativas caiu 1%, para 111,7 pontos, o menor nível desde novembro do ano passado. O nível de utilização da capacidade instalada (Nuci) diminuiu, de 84,5% em fevereiro para 84,3% em março. "Esta foi a terceira queda consecutiva do Nuci. O nível atual está igual ao do mesmo mês do ano anterior e é o mais baixo dos últimos 13 meses", afirmou a FGV em nota. "A média do primeiro trimestre do ano supera em 0,5 ponto percentual a de igual trimestre de 2010, mas está 0,5 ponto abaixo do Nuci médio do ano passado."

Fonte: portal G1.

Banco Central espera menor expansão do PIB em 2011

O Banco Central (BC) reduziu sua previsão para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011, de 4,5% para 4%, segundo o Relatório Trimestral de Inflação divulgado nesta quarta-feira (30/3). Segundo a autoridade monetária, a projeção foi revisada após dados do primeiro trimestre terem mostrado desaceleração da economia. O BC afirma que as recentes ações macroprudenciais e o ciclo de alta de juros devem contribuir para moderar o ritmo de expansão. "Nesse cenário, delineiam-se perspectivas favoráveis para a manutenção do crescimento da economia brasileira em bases sustentáveis", aponta o documento. "A tendência de acomodação da atividade econômica deve persistir nos próximos meses, refletindo as ações de política monetária e de caráter macroprudencial." O BC estima uma expansão de 4,2% para a indústria, ante estimativa anterior de 5,4%. Para a agropecuária, a previsão é de crescimento de 1,9%, e de 3,8% para os serviços. De acordo com o BC, o setor externo deve contribuir negativamente em 1,1 ponto percentual para o crescimento do PIB, com crescimento estimado em 9,6% para as exportações e 18,2% para as importações. O mercado já trabalha com projeção de 4% para o crescimento da economia brasileira este ano.

Fonte: Brasil Econômico.

Matérias Internacionais

Argentina volta a ser principal destino das resinas

Com relação aos principais países de destinos das resinas termoplásticas brasileiras, o resultado de 2010 mostrou que a China não iria se consolidar como principal destino. Até 2008, as vendas externas destinavam-se aos países da América Latina com destaque para a Argentina, região na qual o País possui vantagens comparativas frente aos demais exportadores do mundo, oriundas dos menores custos com frete e logística, além de acordos aduaneiros. Mas, em 2009, houve um aumento expressivo das exportações para a China, que passou a ser um dos principais destinos dos produtos brasileiros do segmento, ultrapassando até mesmo a Argentina. Em 2010, esse quadro se reverteu. Os países da AL, em especial a Argentina, voltaram a figurar entre os principais destinos das resinas brasileiras. A diminuição da participação da China na pauta de exportações brasileiras desses produtos pode ser explicada pelas novas plantas, que estão entrando em operação no Oriente Médio e na Ásia (inclusive na China) e que estão acirrando a disputa pelo mercado chinês. Essas plantas detêm vantagens importantes sobre as brasileiras, como acesso à matéria-prima a custos mais competitivos e a menores custos de transporte. Em relação aos países de origem, as compras externas do setor seguem concentradas nos EUA e na Argentina, ainda que tenha havido um aumento marginal da participação dos países asiáticos e do Oriente Médio.

Fonte: Agência Estado.

Petróleo intensifica perdas com aumento das reservas nos EUA

Os preços do crude continuam em queda depois do anúncio de que os inventários semanais nos EUA aumentaram mais do que o previsto. O contrato de maio do West Texas Intermediate

(WTI), negociado nos Estados Unidos, continuou caindo 1,25% no mercado de Nova York para U\$S 103,48 por barril. Já o Brent do Mar do Norte, referência para a Europa, sofreu desvalorização de 0,51% para US\$ 114,57.

Fonte: *agências internacionais.*

AGENDA

Cursos de tecnologia do PVC e de embalagens flexíveis:

A Fundação para o Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia (FDTE) vai oferecer, nos dias 1 e 2 de abril, o curso "Tecnologia do PVC", para profissionais da indústria do plástico interessados em conhecer detalhes da tecnologia do PVC. O objetivo é Capacitar profissionais da área do plástico nos principais aspectos ligados à tecnologia de formulação e processamento do PVC. No programa, noções mercadológicas, mitos e fatos, tipos de resinas de PVC, processos, entre outros assuntos. E entre os dias 9 e 16 de abril, o curso sobre embalagens flexíveis. O objetivo é oferecer uma visão geral da Indústria de Embalagens Flexíveis, fornecedores de matérias-primas e equipamentos de envase com foco nos aspectos técnicos, mercadológicos e financeiros a serem considerados no projeto de uma embalagem. Ao final do curso o aluno deverá ser capaz de entender todo o processo de Desenvolvimento de Novas Embalagens e impactos financeiros relacionados ao projeto. O curso é voltado a estudantes, profissionais, empresas usuárias, fornecedores de matérias-primas que atuam nas áreas de Desenvolvimento de Produtos, Qualidade, Processos, Compras, Vendas e Custos e que desejam adquirir conhecimentos técnicos do setor. Informações poderão ser obtidas pelo telefone (11) 3031-7000 Ramal 229 ou e-mail educare@fdte.org.br.

Brasilplast 2011

Começam os preparativos para a 13ª edição da Brasilplast, a principal feira do setor do Plástico na América do Sul, que acontece entre os dias 9 e 13 de maio, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo. O evento contará com cerca de 1.300 expositores, de 30 países e espera um público em torno de 65 mil visitantes/compradores, de 60 países. O evento é realizado pela Reed Exhibitions Alcântara Machado. O Siresp apoia esta iniciativa. Mais informações no site www.brasilplast.com.br.

CARAVANA SIMPEP

BRASILPLAST/2011

**13a. FEIRA INTERNACIONAL
DA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO**

Anhembi - São Paulo - SP.

09 a 13 de maio de 2011 – das 11h00 às 20h00.

Visando incentivar a visita à feira e conhecer os grandes lançamentos globais, estamos organizando uma caravana, paga pelo Simpep, aos *diretores* de indústrias associadas, com transporte em Ônibus duplo deck leito/turismo, e 1(uma) diária no Hotel Century Paulista(Rua Teixeira da

Silva, 647 – Paraíso):-

saída - 10.05(07h00)

retorno - 11.05(a combinar)

"vagas limitadas"

INTERESSADOS, FAVOR LIGAR URGENTE:

(41)3224-9163, ou mandar e-mail simpep@simpep.com.br

Inscrição para a Feira

Faça seu credenciamento pelo site: www.brasilplast.com.br

É simples, fácil e gratuito

É necessário inscrição prévia



ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

WBC COMUNICAÇÃO

Fone/Fax: 41 32470569 - Celulares: 41 91687816 - 41 91328135

E-mail: wbc@sulbbs.com.br